

AS GUIANAS SEM LIMITES DE ÉLISÉE RECLUS

LES GUYANES SANS LIMITES D'ÉLISÉE RECLUS



Carlo Maurizio Romani

 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9902-0401>

 E-mail: carlo.romani@unirio.br

Resumo: A enorme obra produzida pelo geógrafo francês Élisée Reclus ainda é bastante ignorada no campo da História. Diferentes possibilidades de uso dos escritos desse precursor da geo-história podem ser indicadas para os estudos sobre fronteiras e da ocupação histórica de territórios na perspectiva da história social. A macrorregião genericamente denominada Guianas é o espaço físico utilizado neste texto para uma análise histórica de algumas das publicações de Reclus na Revue des Deux Mondes e na Nouvelle Géographie Universale.

Palavras-chaves: Guianas, Élisée Reclus, fronteiras

Résumé: L'énorme travail produit par le géographe français Élisée Reclus est encore largement ignoré dans le domaine de l'histoire. Différentes possibilités d'utilisation des écrits de ce précurseur de la géo-histoire peuvent être indiquées pour les études sur les frontières et l'occupation historique des territoires dans la perspective de l'histoire sociale. Dans ce texte, la macro-région génériquement connue sous le nom de Guyanes sera l'espace physique utilisé pour dresser une analyse historique de quelques publications de Reclus dans la Revue des Deux Mondes et dans la Nouvelle Géographie Universelle.

Mots-clés: Guyanes, Élisée Reclus, frontières

Neste ensaio buscamos lançar um olhar para as diferentes possibilidades do uso, no campo da História, do pensamento do geógrafo anarquista francês Élisée Reclus. Infelizmente, e disto também trataremos neste texto, seu posicionamento político como militante da Associação Internacional dos Trabalhadores e seu engajamento social na ocupação da Comuna de Paris, em 1871, que o levou à prisão e à deportação da França, acabou por ofuscar, durante muitos anos, a dimensão magistral de sua obra escrita. Poderíamos, também, estender esta avaliação a outros protagonistas de uma geografia libertária dissidente como Kropotkin, Perron, e Metchnikoff, marginalizados das reflexões produzidas na academia oficial desde o final do século XIX e durante boa parte do século XX.¹ Os trabalhos de Reclus e dos geógrafos libertários como um todo somente vieram a obter o devido reconhecimento a partir de meados da década de 1970, ignorados que foram

1 Sobre a marginalização do pensamento libertário na Geografia ver o artigo de CIRQUEIRA, José Vandério, O continente libertário da Geografia: descontinuidade na história do pensamento geográfico. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 40, n. 1, 2020, DOI [<https://doi.org/10.5216/bgg.v40i01.59892>]

na academia oficial, tanto pelos setores liberais e conservadores da sociedade, quanto pelos marxistas que passaram a dominar o pensamento científico geográfico, principalmente a partir da segunda metade do século XX.²

Reclus, que iniciou suas investigações geográficas ainda na década de 1850, foi fortemente influenciado pelo pensamento proudhoniano desse período da história, portanto, por uma concepção administrativa dos territórios descentralizada, de base federalista, e por um modelo de organização da vida social, cuja prática a gerisse de forma autônoma e associativa, no qual o povo deveria ser absolutamente soberano de si e isso se torna evidente desde seus primeiros escritos.³ Se como precursor de uma forma de geografia social, a obra de Reclus já é relativamente conhecida e divulgada no âmbito da Geografia, pouco o é no da História, apesar de, como veremos adiante, o autor de *O Homem e a Terra*⁴ ter sido um dos pioneiros na produção de uma geo-história, esse campo do conhecimento que influenciará, decisivamente, a construção histórica das duas primeiras gerações dos Annales.

Em tempos de refundação das premissas do fazer histórico no mundo, voltamos nosso olhar para um autor que, muito antes do que sequer pudéssemos imaginar serem as atuais concepções da história global, transnacional, ou ambiental, de certo modo, essa história, Reclus já a produzia. A compreensão de unidades físicas conectadas à ocupação antrópica, para além da delimitação em fronteiras nacionais, já presumia, em seu modo de

2 Já se encontra disponível uma boa quantidade de trabalhos sobre Élisée Reclus, entretanto, poucos exploram o seu pensamento como um todo. Para uma introdução ao pensamento e à obra de Élisée Reclus, indicamos a edição coletânea publicada em 2013 e organizada por CLARK, John; MARTIN, Camille (ed.). *Anarchy, Geography, Modernity: Selected Writings of Élisée Reclus*. Oakland (CA): PM Press, 2013. Os mais recentes trabalhos sobre a influência do pensamento anarquista na produção de uma geografia social ao final do século XIX tem sido produzidos por Federico Ferretti e serão indicados no decorrer do texto. Dentre eles destaca-se o volume FERRETTI, Federico. *Anarchy and Geography. Reclus and Kropotkin in the UK*. Abingdon: Taylor & Francis Ltd (col. Routledge Research in Historical Geography), 2018.

3 A principal obra de Proudhon a influenciar o pensamento de Reclus foi originalmente publicada em 1863, com uma recente edição brasileira: PROUDHON, Pierre-Joseph. *Do Princípio federativo*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo, Imaginário, 2001. Reclus dedicou um ensaio ao tema do projeto federalista na América do Sul, publicado originalmente na *Revue des deux Mondes*, Paris, Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 953-980, 15 out. 1866, com uma reedição brasileira atualizada em RECLUS, Élisée. *As Repúblicas da América do Sul: suas guerras e seu projeto de federação*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2010. Não esqueçamos que o espaço fronteiriço meridional brasileiro foi marcado em dois momentos distintos do século XIX pela proposta federalista, tanto durante a revolução Farroupilha, na década de 1830, quanto na revolução Federalista, na década de 1890.

4 Ver a seleção de textos apresentada para a edição brasileira de RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra: Textos Escolhidos*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015. Em língua portuguesa, ver também RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Edusp, 2015. Joana Monteleone alerta para “as muitas portas de análise e possibilidades de conhecimento” que Reclus abre aos historiadores, que, infelizmente, ainda pouco o conhecem no Brasil: MONTELEONE, Joana. Élisée Reclus, o geógrafo impressionista. *Almanack*, Guarulhos, Unifesp, n. 14, p. 296-302, dez. 2016. DOI < <https://doi.org/10.1590/2236-463320161412> >

organização, a indelével relação estabelecida entre o homem e o meio que ultrapassa qualquer limitação arbitrária criada pelo mundo político, antecipando, também, a produção de uma geo-história ambiental. Uma frase introdutória de Reclus é marcante para dimensionar essa percepção interativa homem-natureza em sua obra: “o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria”.⁵

A região genericamente denominada de Guianas será o recorte físico utilizado neste ensaio para uma análise histórica da obra de Reclus. Espaço distante das ocupações humanas mais identificadas com a civilização moderna, espaço miticamente relacionado ao antigo Eldorado ou ao mundo perdido, espaço transfronteiriço do setentrião sul-americano, as Guianas oferecem-se como um território privilegiado para confrontarmos a atualidade do pensamento geo-histórico de Reclus, muito à frente de seu tempo. Privilegiado no sentido de que, sendo uma área geográfica de difícil acesso e disputada diplomaticamente por diferentes países sul-americanos e europeus durante séculos, as Guianas mantiveram-se relativamente preservadas dos impactos produzidos pelo elemento colonizador, tornando-se, desse modo, local de refúgio para diferentes grupos de indígenas e de negros fujões, essa denominação histórica dada aos que se embrenhavam nas matas escapando à escravidão.⁶

O interesse de Reclus pelas Guianas

5 RECLUS, Élisée, *O Homem e a Terra*. Op. cit. p. 5.

6 Num breve apontamento podemos indicar a permanência de diferentes grupos Tupis, Aruaques e Caraíbas nessa região que conseguiram se manter com pouco ou nenhum contato com a civilização ocidental – os Yanomâmis, por exemplo, vieram a ser de fato contactados somente na segunda metade do século XX. Além disso, diferentes grupos de negros marrãos, dentre eles os Saramakas, pela sua notoriedade, genericamente chamados de *bush negroes*, africanos trazidos pelos holandeses através do tráfico negreiro que logo se embrenharam nas selvas das Guianas para fugir à escravidão nas colônias holandesa e francesa, desde a segunda metade do século XVIII (ver PRICE, Richard. *First-Time*. The Historical vision of an African American people. Chicago: University of Chicago Press, 2002). E somam-se a esses os escravos brasileiros que formaram quilombos em diversas áreas das Guianas no século XIX, tanto no alto Trombetas, na atual fronteira com o Suriname (ver FUNES, Eurípedes. *Nasci nas matas nuca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2022), quanto na atual região, então contestada, do norte do Amapá (ver GOMES, Flávio dos Santos. *A hydra e os pântanos: Mocambos, quilombos e comunidade de fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Editora Unesp, 2005).

As Guianas, essa vasta região da América do Sul que ainda mantêm baixa interação com o restante do continente,⁷ foram um objeto de investigação que recebeu particular interesse nos estudos geográficos desenvolvidos por Élisée Reclus sobre a América, na segunda metade do século XIX. Apesar da ainda baixa visibilidade internacional até o presente, a macrorregião das Guianas já fora detalhadamente apresentada e minuciosamente descrita por Reclus no primeiro capítulo do tomo *L'Amazonie et la Plata*, da *Nouvelle Geographie Universale*,⁸ *NGU*, de 1894, valendo-se do material produzido até então por mercadores, naturalistas, geógrafos, botânicos, zoólogos, antropólogos, entre outros viajantes que frequentaram essa lendária área. A motivação para o estudo das Guianas pelo geógrafo francês derivou não somente do fato de que fora iniciada no ano de 1643 uma tímida colonização francesa na costa atlântica sul-americana, ao norte da linha do Equador, com a fundação do porto de Caiena, mas, sendo ele um anticolonialista, devido à longa disputa territorial mantida entre a França e o Brasil pelo chamado “Território Contestado”. Essa disputa, que se estendeu por quase dois séculos, desde o Tratado de Utrecht, em 1713, ampliou o interesse de Reclus nessa macrorregião, ainda sob domínio de países europeus no século XIX, contígua a estados sul-americanos independentes. O litígio franco-brasileiro, que remonta ao período português da ocupação da entrada do rio Amazonas, continuou durante todo o século XIX, até o desenlace final ocorrido após a arbitragem internacional realizada em Berna, no ano de 1900.⁹

Apesar desse declarado interesse, o fato é que Reclus nunca pisou em solos que poderiam ser identificados com os de alguma das Guianas atuais ou das suas diferentes descrições de outrora. Todo seu conhecimento sobre a região deve-se à consulta aos relatos dos viajantes que lá estiveram. Desde sua primeira viagem ao continente americano, quando aportou na Louisiana em 1853, tendo posteriormente permanecido na Grã-Colômbia, de 1856 a 1857, Reclus somente retornou uma única vez à América do Sul, no ano de 1893, passando pela cidade do Rio de Janeiro, quando recebeu uma série de

7 Entre diferentes limitações de conexão, por exemplo, Guiana e Venezuela não mantêm relações diplomáticas entre si, com forte tensão militar, e suas fronteiras encontram-se fechadas; Guiana Francesa e Brasil mantêm a circulação de pessoas severamente controlada em suas fronteiras, particularmente do lado francês, em função da forte pressão migratória; o mesmo ocorre na região fronteira entre o Suriname e a Guiana Francesa; o Suriname somente mantém comunicação terrestre com a Guiana e com a Guiana Francesa, não há acesso regular por terra para o Brasil. Apresentamos aqui apenas algumas das múltiplas limitações que dificultam, até o presente, a integração das atuais Guianas ao restante do continente. Poderíamos ainda somar o fato de que, do ponto de vista cultural, a região das Guianas apresenta-se mais próxima ao Caribe do que ao restante da América do Sul.

8 RECLUS, Élisée. *Nouvelle Geographie Universale*. Tomo XIX *L'Amazonie et la Plata*. Paris: Librairie Hachette, 1894. Bibliothèque nationale de France, BNF. < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k31525j> >

9 ROMANI, Carlo. *Aqui começa o Brasil*. Histórias das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013, p. 111-116.

homenagens da comunidade científica brasileira, para coletar informações e ter impressões mais vivas sobre o continente.¹⁰ Embora nunca tivesse vindo antes ao Brasil, o norte do país e a bacia amazônica já haviam despertado seu interesse desde a década de 1860, quando redator da *Revue des deux Mondes*. Na primeira parte do artigo “Le Brésil et la colonisation”, publicado nessa revista em 1862, Reclus aborda detalhadamente a colonização da região amazônica, detendo-se nos costumes e modos de vida das diferentes populações indígenas (*les tapuis*) e admira-se do que lhes considerou ser um forte instinto de liberdade;¹¹ critica a escravização de indígenas durante o século XVIII, apresados pelos militares e colonizadores, e do papel dúbio exercido pelos jesuítas nesse contexto, “sob o pretexto de defenderem a causa dos oprimidos, haviam apoderado-se dos indígenas e acamparam-nos à força às margens dos rios em seus *descimentos*”.¹²

Esse artigo de Reclus foi a primeira publicação do geógrafo a ser criticada no Brasil. A *Revue des Deux Mondes* já era, nessa época, uma revista de grande circulação e bastante lida no meio intelectual brasileiro.¹³ A difusão e leitura desse artigo sobre a história da colonização no Brasil causou muita controvérsia e reação contrária em alguns segmentos da sociedade, para quem era de suma importância a preservação da boa imagem do país no exterior. O desconforto causado pela descrição do tratamento dados aos indígenas e o perdurar dessas práticas de escravização até aquele momento, levou o *Diário de Pernambuco*, em uma matéria sem indicação do nome dos autores, a rebater boa parte do referido artigo, considerado-o trazer informações desrespeitosas sobre os brasileiros:

Não pertencemos ao numero daquelles que ainda louvam o barbaro systema das *bandeiras* e da escravidão ou da perseguição do gentio; mas

10 CARDOSO, Luciene Carris. A visita de Élisée Reclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, SBG, n. 1, v. 1, p. 1-15, 2006.

11 O artigo original de Reclus foi dividido em duas partes. A primeira, “Le bassin des Amazonas et les indiens”, foi publicado na *Revue des Deux Mondes* Paris, Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 930-959, 15 jun. 1862. Esse mesmo texto com o nome de “A Bacia das Amazonas e os indígenas”, foi publicado no Brasil na coletânea RECLUS, Élisée. *O Brasil e a colonização*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2011. Para elaborar seu artigo, Reclus baseou-se nas informações trazidas pelo médico e explorador alemão Robert Christian Avé-Lallemant, que se estabeleceu no Brasil em 1836 e viajou pelo interior do país em meados da década de 1850, subindo o Rio Amazonas. Os resultados das explorações de Avé-Lallemant pelo norte do Brasil foram publicados originalmente em Leipzig, nos anos de 1859 e 1860, em dois volumes, intitulados *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1858 e [...] 1859*. Há uma tradução em língua portuguesa de um volume relativo à sua passagem pelo Rio Amazonas: AVÉ-LALLEMANT, Robert Christian. *No Rio Amazonas (1859)*. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp (col. Reconquista do Brasil, v. 20), 1980. Para o geógrafo francês, “o Sr. Avé-Lallemant pertence a essa plêiade de doutos ultra-renanos que elevaram as viagens a uma altura de missão social”, RECLUS, Élisée. *O Brasil e a colonização*. *Idem*, p. 10.

12 RECLUS, Élisée. *O Brasil e a colonização*. *Idem*, p. 39.

13 Sobre a *Revue des Deux Mondes* e o Brasil veja-se o trabalho de CAMARGO, Katia Aily Franco. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: EDUFERN, 2007. Sobre Reclus, Camargo traz uma curta, mas importante contribuição, principalmente com uma boa análise sobre as críticas do francês à escravidão, p. 134-140.

realmente o Sr. Elisée Reclus pecca por exagerado quando proclama a *bondade e doçura entrenecedora* dos Tapuyas: os Índios das florestas são o que podem ser em sua extrema selvaticueza, e longe estão de primar por bondade e doçura: a santa causa da humanidade não precisa embellezar o selvagem para servi-lo.¹⁴

Esse texto no jornal pernambucano foi a primeira recepção e análise do geógrafo francês escrita no Brasil, e entende-se os motivos dessa imediata reação negativa. Os incômodos da leitura dos aspectos humanos perversos da escravidão apresentados de modo explícito e contundente para a época, e suas consequências para a civilização brasileira incomodaram. Em contraponto ao que diferentemente já ocorria em outras sociedades latino-americanas, escreveu Reclus que “imersa, ao contrário, completamente na escravidão, a sociedade brasileira não saberia apreciar a justiça ou a iniquidade: esse fato monstruoso da posse de um homem por outro lhe parece natural, tão pouco repreensível”.¹⁵ Além da crítica estrutural ao regime escravista brasileiro, Reclus identifica no fim do jesuitismo e da escravidão indígena oficial a causa da decadência de vastas regiões fronteiriças brasileiras no final daquele século. Ao analisar o período brasileiro do pós-independência, com a manutenção do regime escravista para os negros e, em larga medida, a continuidade, mesmo que na ilegalidade, da prática do apresamento indígena em diversas áreas do norte amazônico, Reclus manifesta ter conhecimento desses diferentes movimentos de fuga apontando que

a própria população foi embora para buscar nas repúblicas vizinhas da Colômbia um solo livre onde nenhuma instituição lembre a antiga servidão. E esse movimento de emigração é geral em todas as fronteiras do império: do lado norte os indígenas e raça pura refugiam-se na Venezuela e na Nova Granada. [...] Do mesmo modo a despopulação foi quase completa às margens desse rio Negro que forma, com o Cassiquiare e o Orenoco, uma das mais admiráveis vias de comunicação interior do mundo inteiro, e liga o mar das Caraíbas ao Atlântico e às torrentes dos Andes.¹⁶

14 Deve-se a Adriano Skoda a reedição desse documento histórico com um texto introdutório: Diário de Pernambuco, “O Brasil e a colonização”, *Terra Brasilis (Nova Série)*, Niterói, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica n. 7, pgfo. 39, 2016. DOI: < <https://doi.org/10.4000/terrabilis.1931> >.

15 A crítica moral ao regime escravista foi tratada, principalmente, na segunda parte do artigo, originalmente denominado “Les provinces du littoral, les noirs et les colonies”, publicado na *Revue des Deux Mondes*, Paris, Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 375-414, 15 jul. 1862. Essa segunda parte também foi traduzida e republicada em português como “As províncias do litoral, os negros e as colônias alemãs”, no mesmo volume, RECLUS, Élisée. *O Brasil e a colonização*. *Op. cit.*

16 RECLUS, Élisée. *O Brasil e a colonização*. *Idem*, p. 40-43. Sobre as fugas de índios e negros em áreas fronteiriças da região amazônica já existe uma significativa historiografia a trabalhar esse tema. Indicamos alguns títulos que tratam desse mesmo período temporal por nós trabalhado: BEZZERRA NETO, José Maia. “Rios de Liberdade: os escravos e suas fugas fluviais na Amazônia brasileira (Século XIX)”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Belém, IHGB, v. 8, p. 100-123, 2021; GOMES, Flávio dos Santos. *A hydra e os pântanos*. *Op. cit.*; HENRIQUE, Márcio Couto. O ouro negro e a escravidão vermelha: Trabalho compulsório de índios na economia da borracha, Amazônia. In: SULIMAN, Sara;

A presença do fluxo transfronteiriço de pessoas e das rotas e conexões comerciais entre as Guianas já estava presente desde seus escritos iniciais, mas, curiosamente, Reclus não escreveu nenhuma linha sobre o território em litígio com a França antes de concluir seu capítulo da *NGU*. Apenas a título de exemplo, seguem alguns dos nomes dos viajantes franceses mais conhecidos em direção à área colonial da Guiana Francesa na primeira metade do século XIX e não comentados por Reclus: Jean Baptiste Leblond já havia feito uma descrição geográfica da colônia e da região contestada, mapeando inclusive os lagos do Amapá, em 1814;¹⁷ Jean-Theodore de Lacordaire, em 1832, publicou na *Revue des deux Mondes* seu relato de viagem pela Guiana Francesa;¹⁸ em 1837, será o oficial da marinha francesa, Reynaud, a fazer um extenso relatório;¹⁹ posteriormente, teremos descrições minuciosas seguidas, em 1847, por De Kervilly,²⁰ e por Saint-Quantain,²¹ em 1851, viajantes franceses que também deixaram seus registros sobre a colônia e as terras contestadas. Por fim, pouco antes do artigo de Reclus ter sido publicado na *Revue des deux Mondes*, no ano de 1861 o brasileiro Joaquim Caetano da Silva já havia lançado em Paris, pela livraria Hachette, o volume denominado *L'Oiapoc et l'Amazone*.²² Então, não fora por ausência de referências que Reclus não escrevera, naquela ocasião, sobre o território contestado. Muito menos pela falta de interesse nessa região da Guiana, tida no imaginário

CENTURIÓN, Sara Chena (org.). *História indígena e do indigenismo na Amazônia*. São Carlos: Pedro e João editores, 2018, p. 173-184. Fontes essenciais para observarmos a continuidade da escravização indígena nesse primeiro período imperial brasileiro são os diversos relatos produzidos pelos viajantes. Dentre os republicados nas últimas décadas, indicamos o da viagem realizada em 1828 por MAW, Henrique Lister. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo editorial, 1989; também a realizada entre 1849 e 1853 pelo naturalista inglês SPRUCE, Richard. *Notas de um botânico na Amazônia*. Belo Horizonte: ITATIAIA, 2006; e ainda, a viagem feita em 1860 pelo casal suíço AGASSIZ, Luís; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

17 LEBLOND, Jean-Baptiste. *Description abrégée de la Guyane Française*. Paris, 1814. Edição disponível na Biblioteca Histórica do Itamaraty, BHI, Rio de Janeiro.

18 LÁCORDAIRE, Jean-Théodore. Excursions dans l'Oyapock. *Revue des Deux Mondes*, Paris, Bureau de la revue des Deux Mondes, période initiale, t. 8, p. 613-645, 1832. Disponível em < https://fr.wikisource.org/wiki/Excursion_dans_l%E2%80%99Oyapock/01 > Acesso em: 25 ago. 2023.

19 REYNAUD, (enseigne de vaisseau). Memoire de la partie de la Guyane qui s'entend entre l'Oyapock et l'Amazone. *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, Société de Géographie, nº 61, p. 5-29, jan. 1839. Edição disponível na BHI.

20 LE SERREC DE KERVILLY, Armand-Joseph. *Delimitations de la Guyane Française avec le Brésil*, 1847. Lata 544, maço 5. Arquivo Histórico do Itamaraty, AHI, Rio de Janeiro.

21 SAINT-QUANTAIN, Alfred de. *Recherche sur la fixation des limites de la Guyane Française avec le Brésil*, 1851. Lata 544, maço 6. AHI.

22 O volume foi reeditado com os comentários de diversos pesquisadores: SILVA, Joaquim Caetano. *O Oiapoque e o Amazonas: uma questão brasileira e francesa*. Campinas: IFCH-Unicamp/Secult, 2010.

dos escravos da época, segundo Bezerra Neto,²³ “como terra da liberdade para muitos negros fujões” das fazendas paraenses a oeste de Belém, como as de Cametá, Breves e regiões adjacentes. Talvez, a ausência de um conflito declarado entre os dois países até o início da década de 1890 não o tivesse levado a emitir uma opinião pessoal sobre a condição litigiosa em que se encontrava uma porção territorial, sem soberania ainda definida, da única colônia francesa existente na América do Sul, o que o fará posteriormente. Vale recordar que a disputa pelo domínio territorial sobre a região contestada, somente adquiriu um caráter claro de animosidade belicosa entre os dois países com a descoberta da existência de ouro na região, no ano de 1894.²⁴

Antes disso, seu interesse pelo Brasil e pelas Guianas somente seria renovado com o acirramento da disputa diplomática pela definição dos limites territoriais que passará a ocorrer a partir de meados da década de 1880, em parte devido à ação exploratória empreendida nessa mesma época pelo seu colega de formação, Henri Coudreau.²⁵ Ao final desse século, o interesse de Reclus pela região, particularmente sobre a disputa pela atual área setentrional do Amapá brasileiro, viria a ocupar boa parte de seu tempo, tendo Reclus dedicado uma seção à parte no capítulo das Guianas, a quinta, ao litígio franco-brasileiro.²⁶ A atuação de Reclus não se restringiu ao campo acadêmico na composição desse item de sua *NGU*. Estabeleceu também uma troca epistolar com o Barão do Rio Branco para a análise de informações geográficas que subsidiaram parte da demanda do pleito levada pelo diplomata brasileiro à arbitragem internacional em Berna, no ano de

23 BEZERRA NETO, José Maia. Nas terras do Cabo Norte: fugas escravas e histórias de liberdade nas fronteiras da Amazônia setentrional (século XIX). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis (org). *T(r)ópicos de História*. Gente, Espaço e Tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI). Belém: Açai/UFPA, 2010, p. 163-182.

24 ROMANI, Carlo. *Aqui começa o Brasil*. *Op. cit.*, p. 76-89.

25 BENOIT, Sébastien. *Henri Anatole Coudreau (1859-1899): Dernier explorateur français em Amazonie*. Paris: L'Harmattan, 2000. A passagem de Henri Coudreau pela região do contestado franco-brasileiro estimulou a criação da República da Guiana Independente por Jules Gros, em Paris, no ano de 1886, conhecida no Brasil por República do Cunani, cuja declaração levou a um enterevero diplomático e alertou ambos os países para a necessidade de resolução desse problema de limites. Sobre a República do Cunani, ver QUEIRÓZ, Jonas Marçal. História, mito e memória: o Cunani e outras repúblicas. In: GOMES, Flávio dos Santos (org), *Nas Terras do Cabo Norte*. Belém: NAEA/UFPA, 1999, p. 319-348. As obras de Coudreau sobre as Guianas encontram-se disponíveis online na Bibliothèque nationale de France, BNF. Indicamos aqui os volumes de maior interesse para este artigo: COUDREAU, Henri. *La France Équinoxiale*, tome 1^o Études sur les Guyanes et l'Amazonie. Paris: Challamel Ainé, 1886. < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5415975m/f461.image> > e COUDREAU, Henri, *Chez nos Indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)*. Paris: Hachette, 1895. < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5774233x?rk=128756;0> >. Antes de Coudreau houve a passagem pela Guiana Francesa em direção ao Amapá do médico francês Jules Crevaux que já deixara uma significativa obra geográfica em busca de uma hipotética e mítica conexão montanhosa entre os Andes e o Tumucumaque, CREVAUX, Jules. *Le mendiant de l'Eldorado: De Cayenne aux Andes (1887-1879)*. Paris: Editions Phébus, 1879. Reedição de 1989.

26 RECLUS, Élisée. *Nouvelle Geographie Universale*. *Op. cit.* Cap. 5, p. 85-90.

1900.²⁷ Na tradução brasileira que fez do capítulo das Guianas da *NGU*, Rio Branco teceu uma série de comentários discordando de algumas das proposições de Reclus, como veremos a seguir.

Para compor seu capítulo da *NGU*, o anarquista francês recorreu preferencialmente às referências deixadas pelos vários exploradores que percorreram as terras do Eldorado. Entre os diversos nomes citados ao longo do capítulo cujos relatos permitiram ao autor compor seu painel sobre as Guianas, seguindo a ordem cronológica de sua passagem pela região, destacamos os de La Condamine; o de Humboldt, de cuja escola o podemos considerar tributário por ser discípulo de Ritter; os irmãos Schomburgk, na Guiana Inglesa; o já citado Coudreau; até chegarmos a Everard Im Thurn, o primeiro explorador europeu a alcançar, em 1885, o “mundo perdido”, o monte Roraima, que será objeto futuro da literatura fantástica na obra homônima de Arthur Conan Doyle.

As primeiras referências às Guianas, identificada com esse nome nos mapas da América do Sul, remontam ao início da segunda metade do século XVI. Guiana, ou “terras de muitas águas”, significado do nome na língua dos povos Aruaques, na descrição feita pelos viajantes europeus compreendiam espacialmente uma extensa área costeira entre os deltas dos rios Orinoco e Amazonas, adentrando até as terras altas divisoras de água com a bacia amazônica. De fato, os pântanos e as terras alagadiças dos deltas, da costa e das planícies interiores, correspondem a uma vasta porção dessa extensa região. Um território explorado pelos conquistadores desde 1500, remontando à viagem de Vicente Yáñez Pinzón, cujo primeiro mapa – de um anônimo espanhol – a mostrar com detalhes os deltas do Orinoco e do Essequibo (chamado de rio Dulce) somente surgiu no ano de 1556. A primeira referência ao grande lago interior de Parima aparecerá apenas em 1568, no mapa *Portulan*, de Fernão Vaz Dourado. Desde então, o imaginário europeu seguiu povoado pela lenda do Eldorado e a busca por Manoa, a mítica cidade na selva às margens do lago Parima, imortalizada nas páginas de Walter Raleigh²⁸ (1596) e representada em diversos mapas posteriores, dentre eles, os de De Bry e Hulsius (1599), Gerritsz (1625), Hondius

27 Essa correspondência se encontra disponível para consulta no AHI, conforme documentado em CARDOSO, Luciane Pereira Carris. *Intelectuais, militares, instituições na configuração das fronteiras brasileiras (1883-1903)*. Rio de Janeiro: Alameda, 2016. Ver também MYAHIRO, Marcelo. *O Brasil de Élisée Reclus*. Território e sociedade em fins do século XIX. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, p. 51-54.

28 O livro de RALEIGH, Walter, *The Discovery of the Large, rich and beautiful Empire of Guiana*, foi publicado em Londres um ano após a viagem de Raleigh à América do Sul. Existem algumas traduções para o português dessa obra, entre elas: *A Descoberta do grande, belo e rico Império da Guiana*. Tradução de Hélio Rocha. São Carlos: Scienza, 2017; *O Caminho do Eldorado: A descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595*. Tradução de Eduardo San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

(1635), Sanson D’Abeville (1734), para indicarmos aqui apenas algumas das representações gráficas que se tornaram mais notórias.

Com o refluxo da lenda sobre o Eldorado, seguiu-se uma empresa mais pragmática, aquela empreendida inicialmente por Humboldt no começo do século XIX e continuada por Schomburgk, entre 1835 e 1842, na busca do complexo sistema hidráulico de comunicação aquática entre as bacias do Orinoco e do Amazonas, os fluxos de água formados entre as cheias e vazantes na estação chuvosa, e na elaboração de sua representação cartográfica. Até a primeira efetiva elaboração do mapeamento do contorno das duas bacias, unidas através do canal do Cassiquiare, entre o rio Negro e o Orinoco, detalhada por Robert Schomburgk, os temas da água, lago, mar, rios, canais, foram um fenômeno recorrente nas viagens exploratórias a essa região.

Ao longo desses quatro séculos foram diversas as repartições políticas feitas pelas nações conquistadoras desse imenso território genericamente denominado Guianas, cada qual com seu adjetivo nacional. Seguindo a faixa costeira do Atlântico, de oeste para leste podemos encontrar ao longo da história as divisões em Guiana Espanhola (depois Venezuelana), Britânica, Holandesa, Francesa, Portuguesa (depois Brasileira). Atualmente, do ponto de vista geopolítico, essas antigas divisões configuram-se relativamente estáveis: uma parte da área sob o antigo domínio espanhol a sudeste do rio Orinoco pertence politicamente à Venezuela, constituindo sua extensa região de Guayana; a antiga colônia britânica tornou-se um Estado independente em 1966 com o nome de República Cooperativa da Guiana; idem ocorreu com aquela holandesa em 1975, adotando o nome de Suriname; em 1946, a maioria da população da ex-colônia francesa, em plebiscito, decidiu pela permanência na França e tornou-se um departamento ultramarino; e a antiga Guiana Brasileira, que incluía à época o “Território Contestado”, com a vitória brasileira ocorrida na arbitragem internacional em Berna, desde dezembro de 1900 foi incorporada ao Pará e atualmente pertence ao estado do Amapá. Ainda permanecem em litígio uma extensa área a oeste do rio Essequibo rica em petróleo, sob soberania da atual Guiana e reclamada pela Venezuela, e uma pequena área fronteira entre a Guiana e o Suriname, denominada de Triângulo de New River.

Como Reclus concebia essas Guianas?

As Guianas de Reclus compõem um amplo retrato físico, histórico e humano, indicando o olhar de um geógrafo libertário, profundamente marcado pelas evidências deixadas na história, características de um tipo de geografia social que encontra no ser humano seu denominador comum universal, uma produção próxima da geo-história. O homem e a terra interagem reciprocamente, completam-se de modo sistêmico, inaugurando uma escola de observações, quase que antropológica, continuada por Kropotkin, e que passou aos domínios da história através da Escola dos Annales, de Lucien Febvre a Fernand Braudel, como vem apontando a releitura de toda uma nova geração de

geógrafos. Os estudos de Federico Ferretti apontam para uma clara influência reclusiana na geo-história de Lucien Febvre e de outros historiadores de sua geração.²⁹

A descrição física de todo o contorno físico do que se convencionou chamar Guianas foi detalhadamente feita por Reclus em seu capítulo da NGU, de modo circular e anti-horário, desde o delta do Orinoco, subindo esse grande rio, atravessando pelo canal do Cassiquiare até o rio Negro, já na bacia amazônica, e descendo-o até o rio Branco, de onde se sobe até os pés do maciço de Roraima e contornando pela vertente sul chega-se, através dos formadores do rio Essequibo, até as baixas elevações denominadas de montes Tumucumaque,³⁰ de onde se alcançam as cabeceiras do rio Camopi, afluente do Oiapoque, para então desaguar, novamente, na costa atlântica. A excursão geográfica é acompanhada das referências às explorações dos pioneiros, permitindo uma releitura histórica do legado cartográfico e textual por eles deixado. Da mesma forma, a descrição das marés, do clima, da fauna, da flora, encontra-se sempre acompanhada das referências aos naturalistas e exploradores que o precederam, completando sua exposição física com um procedimento metodológico a abrir espaço aos verdadeiros protagonistas da história: os humanos.

A representação do território, o mapa, e as definições limítrofes tornam-se, assim, objeto de uma investigação histórica na qual se explicitam os interesses dos viajantes e geógrafos envolvidos. Tanto os interesses pessoais quanto os comerciais, e as impressões por eles deixadas, vislumbram-se como mediados pelas suas crenças e pela missão a serviço de estados nacionais, particularmente evidente no período imperialista da história global. Desnaturalizando os relatos, ao mostrar as intenções de domínio econômico e territorial dessas viagens, Reclus trata de não excluir a contaminação política operada pela Geografia, antecipando a leitura futura que Michel Foucault fará sobre as origens da disciplina, considerando-a um poder científico e institucional produtor de um discurso de

29 FERRETTI, Federico. Anarchism, Geo-History and the origins of the *Annales*: rethinking Elisée Reclus's influence on Lucien Febvre. *Environment and Planning D, Society and Space*, Newbury (CA), Sage, n. 33, 2, p. 347-365, 2016.

30 Em relação às montanhas Tumucumaque há uma longa discussão sobre a existência ou não dessa serra. Quando da produção geográfica de Reclus admitia-se a existência de uma cadeia de montanhas estendendo-se por mais de 300 km., divisora das atuais Guianas em relação ao Brasil (Amapá e Pará). Difundida inicialmente por Jules Creveaux, já citado, em sua busca da continuidade dos Andes, e confirmada e reproduzida ainda mais pela obra de Coudreau, na década de 1950 foi desmentida pelo geógrafo francês Jean Hurault que após uma expedição para a definição dos marcos limítrofes entre a Guiana Francesa e o Brasil classificou essas montanhas apenas como pequenas elevações, colinas, não caracterizando de fato uma serra. Sobre isso ver o artigo de HURAULT, Jean. Une chaîne de montagnes imaginaire: les Tumuc-Humac. *Revue française d'histoire d'outre-mer*, Paris, Société française d'Histoire d'Outre-Mer, t. 60, n. 219, p. 242-250, 1973. Além de Hurault, mais recentemente tivemos uma análise sobre os possíveis motivos da reprodução política dessa cartografia de final do século XIX na obra de LÉZY, Emmanuel. *Guyane, Guyanes, une géographie «sauvage» de l'Orénoque à l'Amazonie*. Paris: Belin, 2000.

verdade.³¹ Ao mesmo tempo, Reclus reconstitui a exploração minuciosa do território, do relevo, das bacias hidrográficas, sem perder de vista a complexidade do lugar, ao reconhecer nas Guianas, como um todo, a dimensão “da grande província da América Meridional”.³² Prudentemente, o libertário francês relativiza a ideia da nova Mesopotâmia, da “maior ilha do mundo”, lançada por La Condamine à Academia de Ciências francesa no ano de 1745. De fato, essa vasta porção de terra envolvida entre dois grandes rios e a massa de água carregada de sedimentos despejada ao mar pelo Amazonas que, empurrada pelos alísios de nordeste, se encontrará bem mais ao norte com a do Orinoco ao largo da costa atlântica, poderia até, cartograficamente, ser definida como uma ilha, mas a qual lógica interessaria esse tipo de representação?

Reclus distancia-se dessa questão, pois não é a representação cartográfica em si o objetivo central de sua Geografia. É o homem, o habitante local ou o povoador/colonizador e sua potencial relação com o meio, o sujeito preferencial de sua descrição. A dimensão humana e histórica de sua geografia o fez ser preterido ao longo do século XX pelo campo teórico que se instituiu como hegemônico nessa disciplina, porém, é justamente essa dimensão social de sua obra que nos interessa.

Seguindo a classificação dos ameríndios nas três grandes famílias linguísticas, a Aruaque, a Caribe e a Tupi, os habitantes ditos “primitivos”³³, no caso, os Aruaques, que para o geógrafo são, de fato, os originários do território, ganham destaque numa percepção humana da Geografia que não hierarquiza o povoamento do território. Mostra-se avesso às generalizações e aberto às diferenciações culturais existentes dentro da mesma família linguística, ao citar as diferenças entre os Uapixana e os Palicures, entre outros grupos Aruaques. A partir da leitura dos relatos de viagem, Reclus é sagaz, também, em perceber a existência de interações culturais e até de características colonizadoras dentro dos diferentes grupos indígenas, não uniformizando-os, ao identificar, por exemplo, a língua Uapixana como a mais utilizada para o comércio. Reclus extrai da leitura dos viajantes as melhores impressões deixadas sobre os índios. A elegância e a nobreza da forma e atitude descrita por Coudreau dos Atorai e Uapixana não passa despercebida, inclusive, na comparação destes com os povos Caribes.³⁴ A descrição da tenacidade, resiliência e simbiose dos índios com a natureza “selvagem” da floresta tropical, seja nas relações de caça, na domesticação de animais selvagens, ou na prática de feitiçaria, inserem-se num

31 FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: *Microfísica do poder*. 22ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 244-261.

32 RECLUS, Élisée. *Nouvelle Géographie Universale*. Op. cit., p. 2. Esta e as demais traduções de trechos da *NGU* foram feitos pelo autor.

33 RECLUS, Élisée. *Nouvelle Géographie Universale*. Op. cit., p. 39.

34 RECLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universale*. *Idem.*, p. 40-45.

percurso epistemológico de relação entre cultura e natureza, que não as opõem como categorias antagônicas mas as concebe como simbióticas. Um tipo de abordagem que posteriormente será efetivamente abraçada pela Antropologia, particularmente na pesquisa desenvolvida por Philippe Descola.³⁵

Como bem o definiu Gary Danbar, seu biógrafo, Reclus foi, antes de tudo, um historiador da natureza³⁶. Devemos acrescentar, além do mais, de uma natureza em que o homem está incluído e não apartado dela, e essa concepção de natureza o tornava absolutamente diferente de seus contemporâneos. Entretanto, longe de qualquer romantismo idealista que pudesse persistir ao final do século XIX, Reclus registra a triste constatação do declínio demográfico inexorável dessa população ameríndia e do confinamento de sua cultura e de seu modo de vida tradicional aos espaços mais inacessíveis do território, com a denúncia do genocídio praticado durante a conquista.

Paralelamente, Reclus mostra-se muito entusiasmado com a pujança do povoamento africano na costa atlântica, sua capacidade de assimilação e, ainda mais com os negros marrões das Guianas, os *bosh negros* fugidos para o interior da selva em sua luta por “terra e liberdade”, num permanente conflito com o colonizador da costa, até meados do século XIX. Ao apresentar os diferentes grupos afro-americanos das Guianas, exalta suas lutas contra o explorador europeu e a conquista da autonomia territorial por essas populações *noirs*, reconhecida pelos colonizadores holandeses e franceses, principalmente nos momentos de maior interesse para estes, no que concerne ao acesso aos garimpos a partir da segunda metade do século XIX, quando da descoberta do ouro nas cabeceiras dos grandes rios, o Maroni, o Approuague e o Camopi-Oiapoque. Autonomia tida como relativa por Reclus, visto que o *Grand Man*, o chefe indicado das tribos marrões, não passaria de um “funcionário” de Estado, um providencial fiscalizador contra o contrabando de ouro³⁷. Novamente, longe de romantizar a vida dos homens da floresta ou de demonizar o papel da colonização europeia, insere as relações sociais estabelecidas entre os diferentes grupos étnicos dentro do processo civilizador em curso no planeta que atinge também essa região.

E assim, inserindo-as dentro do processo de conquista e colonização, descreve a presença dos imigrantes mais adaptados ao clima. Os *collies* indianos, os chineses, os árabes, e identifica aqueles colonos brancos, genericamente designados nos textos da época como “portugueses”, “colonos de raça europeia, mas fortemente misturados que

35 DESCOLA, Philippe. *Antropologie de la nature*. (Leçon inaugurale prononcée le jeudi 29 mars 2001). Paris: Collège de France, 2001, 36 p. DOI < <https://doi.org/10.4000/BOOKS.CDF.1325> >.

36 DANBAR, Gary. *Élisée Reclus historian of nature*. Hamden: Archon Books, 1978.

37 RECLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universale. Op. cit.*, p. 52.

prometem se tornar os verdadeiros guianenses”,³⁸ Para provar sua tese da incapacidade do homem europeu aclimatar-se e colonizar as Guianas utiliza o quadro demográfico traçado por Coudreau em 1895 para todas as Guianas.³⁹

A descrição dos elementos humanos não é racialmente hierarquizada por Reclus, que enfatiza as misturas étnicas, linguísticas e culturais, seja entre índios e brancos (os chamados portugueses), na valorização dos “caboclos”, seja na formação do novo tipo *créole* pela mestiçagem do elemento de origem africana. Ao contrário do racismo científico em voga na França e sua hierarquização racial produzida desde o ensaio sobre a desigualdade entre as raças de Gobineau, em 1853, Reclus sugere a valorização do tipo mestiço, particularmente difuso no Brasil, como o possível futuro gênero humano universal. Por último, como não poderia deixar de ser, uma vez que ele mesmo fora condenado à deportação para a Nova Caledônia,⁴⁰ faz uma severa crítica à instituição das prisões com trabalhos forçados, o *bagne colonial* existente na Guiana Francesa, desde o ano de 1848.

Após a identificação dos elementos humanos e sua circulação comum pelo território das Guianas, percebido como um espaço de fato sem fronteiras, Reclus separa as unidades políticas coloniais delimitadas e descreve cada uma delas a partir do seu processo histórico de formação, derivado da conquista europeia. Aqui, Reclus parece contradizer sua percepção federalista e antinacionalista e produz um tipo de história nacional de cada uma das colônias. Aquilo que a Geografia clássica acostumou a naturalizar como a realidade geopolítica, uma concepção proudhoniana libertária da história, a almejada por Reclus, deveria efetivamente contrariá-la. Assim, lida em seu próprio capítulo das Guianas, parece, de fato, uma contradição. Em parte isto poderia ser explicada por um detalhe jurídico, pois durante seu exílio forçado assinou um “contrato para escrever a *Nouvelle Géographie Universelle*, contrato que o proibia de abordar temas religiosos, políticos e sociais, pois o editor afirmou desejar o trabalho de um geógrafo e não de um anarquista”.⁴¹ Ainda assim,

38 RECLUS, Élisée, *Nouvelle Geographie Universale*. *Idem*, p. 54.

39 *Idem*. Coudreau, inclusive, apesar de diversos escritos claramente racistas em relação ao negro guianense, compartilhava das mesmas opiniões positivas de Reclus sobre o homem brasileiro, já expressas por este último desde seus primeiros artigos da década de 1860, considerando-o absolutamente adaptado ao meio em função de sua capacidade de escapar à segregação entre as diferentes raças. Assunto polêmico mas, na segunda metade do século XIX, bastante incomum de ser abordado desse modo pelos viajantes europeus.

40 Após o término da Comuna de Paris e a detenção dos *communards* envolvidos, Reclus foi condenado à deportação na prisão colonial da Nova Caledônia, mesma sentença dada a Louise Michel. Graças aos esforços de diversos escritores e geógrafos europeus, sua pena foi comutada em exílio na Suíça. (Ver CAMPOS, Rui Ribeiro. O Anarquismo na Geografia de Élisée Reclus, *Élisée Revista de Geografia da UEG*, v, 1 n, 1. 2012, pg. 3-4. Disponível em <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/575> > Acesso em: 25 ago. 2023.

41 CAMPOS, Rui. O Anarquismo na Geografia de Élisée Reclus. *Idem*, pg. 4.

ele trata de contrapor, ou melhor, de inter-relacionar a ocupação humana das Guianas a uma história nacional que tentaria se instituir desde o alto, mas que na verdade somente atenderia à percepção estatista das respectivas metrópoles, esta, sim, muito distante da vida ativa da população territorializada.

Reclus parece considerar como inevitável a presença da colonização europeia sobre o território outrora ameríndio, seja pela diferença de patamar tecnológico entre as civilizações, seja pelo próprio andar da história humana global. Decorrente desse processo de assimilação e transformação entre os sujeitos envolvidos é que resultaria a criação de um novo tipo humano em toda a América, fenômeno no qual o Brasil teria dado um passo à frente. Talvez, por isto, a identificação do tipo “português”, dentre os povos europeus, como aquele historicamente mais apto à mestiçagem e capaz da tarefa de ocupar o lugar do futuro tipo guianense. Fica em aberto aqui a questão: dada a similaridade da tese proposta, terá Gilberto Freyre lido Reclus? Entre os estudiosos do sociólogo pernambucano ainda não apareceram indícios desse contato, mas, nos parece improvável que Freyre não tenha tido conhecimento da obra de Reclus, visto os pontos de proximidade com sua tese sobre a superioridade moral do *lusotropicalismo*, o modo português de imperialismo nos trópicos.⁴²

No debate geográfico francófono, Reclus foi criticado por Béatrice Giblin e outros geógrafos da revista de orientação marxista *Heródote* no número a ele consagrado no ano de 1981.⁴³ Além das críticas científicas acerca do método, Reclus foi desqualificado em função de uma visão de mundo tida como colonialista, e pejorativamente identificada como universalista. Em 2005, numa revisão daquela publicação original, já num momento de elevação de Reclus ao patamar de grande nome da geografia mundial, Giblin enaltece a grandiosidade da obra reclusiana e atribui a maior parte daquilo que considerava sua fragilidade teórica, numa compreensão dada a partir do cientificismo marxista, ao caráter “espontaneísta” de sua percepção do mundo, avessa às formas administrativas institucionalizadas, o que se revelaria em suas posições “naturalistas” da história humana.⁴⁴ Exemplo disso seria a crença de que a colonização era benéfica para a evolução

42 Gilberto Freyre desenvolveu sua tese do lusotropicalismo em, pelo menos, três diferentes obras. Inicialmente em *O mundo que o português criou*, de 1940, e posteriormente em *Integração portuguesa nos trópicos*, de 1958 e, por fim, em *O luso e o trópico*, de 1961. Com essa ideia Freyre busca positivar o papel de Portugal com suas colônias e ex-colônias, a partir de uma concepção social e ambiental que coloca o elemento colonizador português como mais maleável ao se relacionar, tanto com o meio humano como com o natural.

43 GIBLIN-DELVALLET, Béatrice. Élisée Reclus et les colonisations, *Heródote*, n. 22 “Élisée Reclus, géographe libertaire”, 1981.

44 GIBLIN, Béatrice, Élisée Reclus: un géographe d’exception. *Heródote*. Revue de Géographie et de Géopolitique, n. 117 – Élisée Reclus, 2005. Disponível em < <https://herodote.org/spip.php?article148> > Acesso em: 25 ago. 2023.

humana, ideia que, segundo Giblin, naquela época (1860) era “apoiada pelo movimento anarquista, pois ela representa o desenvolvimento da natureza pelo homem”.⁴⁵

Evidentemente, Reclus era um homem de seu tempo e as questões relativas à natureza humana e à análise comparativa da evolução das sociedades humanas não poderia deixar de estar presente em sua obra. Entretanto, e esse é o grande destaque inovador de Reclus, seus posicionamentos em relação a essas temáticas, que serão desenvolvidos posteriormente por Kropotkin, não deixam dúvida quanto ao seu caráter anti-hierárquico, tanto em relação às raças, como em relação ao posicionamento social das diferentes nações do mundo. Reclus sempre foi um defensor dos particularismos de cada cultura local não hierarquizando-as em função do estado de desenvolvimento de suas economias como se isso fosse um indicador de seu lugar no processo civilizador.

Por outro lado, desde nosso ponto de vista, o cientificismo dos tributários da escola marxista foi muito além nessa mesma percepção colonialista da história, criticada por Giblin em Reclus. A tradição marxista permitiu, inclusive, a defesa de uma política de tutela dos povos “civilizados” sobre os “não-civilizados” até bem tardiamente, em 1907, como defenderam Edouard Bernstein, Van Kol, e outros sociais-democratas no Congresso Socialista de Stuttgart.⁴⁶ Uma concepção política que, se foi combatida por marxistas revolucionários como Rosa Luxemburgo nesse mesmo congresso, na prática, viria a ser implementada pelos bolcheviques na futura URSS.⁴⁷ Não esqueçamos que, muito antes disso, em 1849, Engels já criticara Bakunin por este censurar os americanos que faziam uma guerra de conquista no México. Na opinião do industrial alemão, a guerra era

45 Utilizamos a versão para o português do texto original: GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus, um geógrafo excepcional. *Terra Brasilis*, (Nova série online). Niterói, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 7, p. 5, 2016. Disponível em < <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1924> > Acesso em: 25 ago. 2023.

46 CARONE, Edgar. Os Congressos da II Internacional, *Princípios Revista Teórica, Política e de Informação*, n. 24 fev./abr. 1992, p. 56-58. O debate sobre a questão colonial ocupará boa parte do Congresso da Internacional Socialista em Stuttgart, realizado entre 6 e 24 de agosto de 1907. Publicado em *Histoire de la IIe Internationale*. Genebra: Minkoff Reprint, 1978-1985. O debate está no tomo 18 do volume.

47 Em setembro de 1920 a realização do Congresso dos Povos do Oriente em Baku foi comemorado pelos bolcheviques como o primeiro evento declaradamente anti-imperialista e anticolonialista da história. Na prática, o que se assistiu nos anos seguintes foi uma discreta e contínua política de russificação da parte asiática da URSS através de mecanismos de cooptação e assimilação. Essa *realpolitik* foi denunciada e combatida pelo Sultão Galiev, herói tártaro da guerra civil, membro de destaque do Partido Comunista que foi perseguido e preso pelo Politburo em 1923, sob a acusação de “desvios” nacionalistas (ver a breve apresentação de ALEXANDER, Joshua. Two articles by Mirsaid Sultan-Galiev, 1919. Anti-imperialismo.org Disponível em < <https://anti-imperialism.org/2016/08/08/two-articles-by-mirsaid-sultan-galiev-1919/> > Acesso em: 27 ago. 2023).

“travada completa e unicamente no interesse da civilização”, para tomar a Califórnia dos “mexicanos preguiçosos”.⁴⁸

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Giblin, Emmanuel Lézy criticou o geógrafo anarquista em relação ao que escrevera sobre os ameríndios com o argumento de que ele teria naturalizado, senão até justificado, o genocídio indígena em nome do surgimento de um novo homem universal.⁴⁹ Em nenhum momento da obra de Reclus encontra-se uma leitura condescendente ou fatalista do extermínio indígena. Pelo contrário, como lemos em relação aos povos originários das Guianas e da Amazônia, Reclus enfatiza os malefícios da ocupação europeia, da escravidão e também dos descimentos conduzidos pelas missões jesuíticas como causadores do genocídio. Quando se sentiram acuados e tiveram oportunidade, os indígenas fugiram pelas fronteiras imaginárias para fora do Brasil, em direção às Guianas, e isto foi devidamente enaltecido pelo geógrafo francês.

A acusação de eurocentrismo enunciada a partir da defesa das colônias de povoamento na segunda metade do século XIX nos parece mais uma tentativa anacrônica de leitura dessa história da parte de seus detratores. Esse pretense desvio eurocêntrico foi contestado nos trabalhos produzidos por Philippe Pelletier,⁵⁰ Kent Mathewson,⁵¹ e o já citado Ferretti,⁵² que esclarecem a diferença existente, no pensamento de Reclus, entre as colônias de exploração daquelas de assentamento, entre conquista e imigração, e, portanto, o diferente papel exercido pelo europeu dentro do que Reclus entendia, no limite do pensamento de sua época, fazer parte do processo civilizador. Apresentamos aqui essas diferenças de visão sobre a obra de Reclus, pois, longe de considerarmos o pensamento reclusiano uma unanimidade, tampouco separamos e descontextualizamos o homem de sua época. Se em algumas proposições mostrou-se muito antecipador de ideias hoje consagradas na Geografia e na História, em certa medida, seus escritos, reproduzem, também, ideias comuns ao seu tempo.

48 ENGELS, Friedrich. Resposta de Engels ao “Apelo aos eslavos”, de Mikahail Bakunin, *Neue Rheinische Zeitung - Organ der Demokratie*, (Nova Gazeta Renana) n. 222, 15 fev. 1849, *apud* ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*. Mexico: Passado y presente, 1980, p. 161.

49 LÉZY, Emmanuel. Una geografía sacrificada. Elisée Reclus y los indios americanos. In: CAPRON, Guenola et. al. *La Geografía contemporánea y Elisée Reclus*. México: El Colegio de Michoacán, 2014, p. 275-298.

50 PELLETIER, Philippe. *Élisée Reclus, géographie et anarchie*. Paris: Éditions du monde libertaire, 2009.

51 MATHEWSON, Kent. La Geografía Latinoamericanista de Elisée Reclus: Escritos extensos sustentados en viajes episódicos. *Colóquio Internacional Elisée Reclus e a Geografía do Novo Mundo*. Laboratório de Geografia Política, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em < <https://reclusmundusnovus.wordpress.com/memorias/> > Acesso em: 24 abr. 2022.

52 FERRETTI, Federico. 'They have the right to throw us out': Elisée Reclus'New Universal Geography. *Antipode*. Londres, *Radical Journal of Geography*, v. 45, n. 5, p. 1337-1355, 2013.

Reclus foi lido e replicado no Brasil. A começar pela diplomacia brasileira e sua necessidade de um aporte mais fundamentado nos reclames litigiosos de fronteira. Milton Lopes aponta que Monteiro Lobato, em correspondência a Godofredo Rangel, cita um volume de Reclus na biblioteca de seu tio diplomata, o Visconde de Tremembé.⁵³ O escritor Graça Aranha, que se aproximou do anarquismo na juventude, na infância também leu Reclus, cuja obra de geografia ocupava largo espaço na biblioteca de seu pai.⁵⁴ O Barão do Rio Branco, num apêndice à edição brasileira do capítulo *Estados Unidos do Brasil*, do tomo XIX da *NGU*, publicado em forma de livro pela Garnier, em 1900, teceu um conjunto de comentários críticos maior do que a própria seção de cinco páginas que o geógrafo francês dedicara ao Território Contestado⁵⁵.

Como vimos, Rio Branco manteve uma constante troca epistolar com Reclus e a leitura da obra do geógrafo francês reforçou o argumento de defesa brasileira na memória apresentada à arbitragem internacional na disputa do território contestado.⁵⁶ Mais do que isso, a própria comissão de geógrafos da Confederação Helvética teria se baseado na obra de Reclus sobre a Guiana, e seu atavismo a todo tipo de imperialismo, na emissão da sentença favorável ao Brasil, como sugere a pesquisa efetuada no fundo Reclus-Perron por Federico Ferretti.⁵⁷ Pouco depois, em 1903, foi outro diplomata brasileiro, Joaquim Nabuco, conterrâneo de Gilberto Freyre, quem recorreu a Reclus na disputa fronteira do Brasil com a Grã-Bretanha, pelo Pirara. Convicto anti-imperialista, o anarquista ajudou na composição das cartas brasileiras que foram à arbitragem internacional em Milão em 1904. Ainda no Brasil, Reclus teria servido de inspiração metodológica à grande obra literária de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. De fato, Euclides foi um grande leitor de Reclus e reforçou essa relação no período em que trabalhou como cartógrafo no Ministério das Relações Exteriores.⁵⁸

Ofuscado durante muitos anos pela sua ligação com o anarquismo, a partir da década de 1970 a grandeza da obra de Reclus voltaria a influenciar metodologicamente o

53 LOPES, Milton. Élisée Reclus e o Brasil. *GEOgraphia*. Niterói, Universidade Federal Fluminense UFF, v. 11, n. 21, p. 160-175, 2009. DOI < <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2009.v11i21.a13575> >

54 LOPES, Milton. Élisée Reclus e o Brasil. *Idem*, p. 161.

55 Apêndice Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. In: RECLUS, Élisée. *Estados Unidos do Brasil*: geographia, ethnographia, estatística. Tradução de Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.

56 Para mais informações sobre a obra e vida do Barão do Rio Branco sugerimos a leitura de SANTOS, Luís Cláudio Villafañe. *Juca Paranhos: o Barão do Rio Branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

57 FERRETTI, Federico. Le fonds Reclus-Perron et le contesté franco-brésilien de 1900: une carte inédite qui a décidé des frontières du Brésil. *Terra Brasilis*, (Nova série online). Niterói, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 2, 2013. Disponível em < <http://terrabrasilis.revues.org/766> > Acesso em: 24 abr. 2022.

58 LOPES, Milton. Élisée Reclus e o Brasil. *Op. Cit*, p. 163.

trabalho de muitos geógrafos e historiadores pelo mundo. O saber de Reclus foi desautorizado inicialmente, no início do século XX, por uma academia que não aceitava um anarquista entre seus membros. No decorrer desse século, o fogo inimigo partiu do socialismo “científico”, que deslegitimou a qualidade do trabalho disfarçada por uma pretensa fragilidade teórica, também em função de sua discordância ideológica. O debate na França na década de 1980 suscitado pela publicação do volume especial de *Hérodote* sobre Reclus, foi um ponto de virada na história da Geografia, abrindo espaço para o ingresso de uma nova geração de estudiosos que contemplam sua obra.

Essa revalorização chegou também neste novo século ao Brasil, lugar que como as Guianas, da Amazônia ao Prata, foi alvo de grande interesse do geógrafo libertário. Particularmente, o olhar estrangeiro de Reclus sobre a Amazônia, as Guianas, seus elementos humanos e o novo homem sul-americano, nem branco nem índio, nem negro, tem muito a nos dizer sobre grande parte da história colonial e pós-colonial, que ainda apresenta muita dificuldade em ser enunciada por boa parte da historiografia. Mesmo em busca de novos caminhos interpretativos, e a virada transnacional e global são indicativos disso, em grande medida, a História ainda é refém do paradigma clássico do Estado nacional. Esperemos que a leitura de Reclus pelos historiadores ajude a modificar ainda mais essa tradicional concepção.

Recebido em 27 de agosto de 2023
Aceito em 26 de outubro de 2023